

Weekend
negócios

W

QUINTA
07.12.23

RITA
BARROS

**Eu faço o que quero e
isso é um grande luxo**

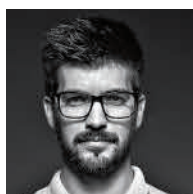
RITA BARRROS

Nunca vivi a preto e branco

A vida de Rita Barros pouco tem de comum. É uma vida a cores, sobretudo a vermelho e azul-turquesa. É assim que vê as coisas e é assim que gosta de as ver. A fotógrafa portuguesa foi para Nova Iorque em 1980, foi ficando e ficou. Vive no Chelsea Hotel, em Manhattan, o mítico hotel feito de tijolos vermelhos que foi casa de artistas e criadores como Mark Twain, Andy Warhol, Janis Joplin ou Iggy Pop. Rita retratou ilustres vizinhos, mas não se deslumbrou, nem com o acaso de morar no “Room 1008”, onde Arthur C. Clarke escreveu o argumento para o filme “2001: Odisseia no Espaço”, de Stanley Kubrick. Parte da sua obra é percorrida no novo volume da Série Ph. da Imprensa Nacional, um livro que nos mostra um ambiente de festa e riso, mas também de perda. Nos últimos anos, a fotógrafa sentiu o peso da pressão imobiliária e respondeu, também com arte. Rita é dura, quase tão dura como o gato Manuel.



LÚCIA CRESPO



BRUNO COLAÇO





É inquilina do Chelsea Hotel desde 1984. O mítico edifício foi remodelado e reabriu em 2022 como hotel de luxo. Como conseguiu manter a sua casa?

Eu pude lutar para ficar no meu apartamento porque a minha renda está regulada, tenho aquilo que em Nova Iorque se designa por “rent stabilization”, por isso não podia ser posta na rua sem razões de força maior. Mas foi horrível. Fizeram tudo e um par de botas para sairmos todos. Eu até fiz um testamento...! Passaram-se coisas muito feias. Coisas mesmo inenarráveis: pica-retas o dia todo, buracos na parede, a casa alagada...

E decidiu retratar a venda e o fecho do hotel quase em direto...

Não quis ser vítima passiva, então fui para o Facebook mostrar aquilo que se estava a passar. Por lá partilhava alguns dos meus trabalhos, sobretudo aqueles que refletiam uma certa ironia. Depois montei as séries (“Displacement” e “Displacement2”) que revelam um bocadinho o meu estado de espírito em relação àquilo que estava a acontecer. São também uma coisa física e de reação.

Constituem, no fundo, uma ação de guerrilha?

A fotografia tem isso de bom: funciona para expurgar qualquer coisa; eu não que-

ria fotografar o buraco na parede ou a casa toda inundada, queria mostrar a minha reação a isso. Era algo mais metafórico, não direto. É muito difícil explicar a pressão a que somos submetidos numa situação destas, vale-nos o apoio dos vizinhos, que estão a passar pelo mesmo e percebem o que sentimos – com eles nem precisamos de falar muito. Quando vivemos os mesmos dramas, conseguimos chegar a outro nível de entendimento. Eu tive sorte, senti-me apoiada. Sozinha, acho que não teria conseguido.

Como se suporta isso tudo, mesmo com os vizinhos?

Exato, como se suporta isto tudo? Há uma mistura de medo e de raiva que nos motiva a lutar. E estas séries foram a forma que encontrei de lidar com a situação. Foi como fazer terapia. Foi expurgar, foi gritar, foi abrir a janela e dar um grande grito. Um dos meus trabalhos começou até com a destruição de um jardim. Havia um jardim muito bonito no telhado, e eu estava a tomar conta do espaço, a pedido de uma vizinha. Quando ela saía, eu ficava então a guardar o jardim. Um dia, cheguei lá com o regador e encontrei uns jagunços com serras elétricas a cortar as árvores todas, as árvores que estavam ao meu cuidado. E não podia fazer nada. A minha reação foi filmar aquilo tudo. Ato seguinte: peguei nos tijolos – o hotel é

feito de tijolos – e comecei a atirar esses tijolos contra a parede, tamanha era a fúria. A série “Displacement2” retrata exatamente isso e funcionou como uma grande terapia, de tal maneira que passei a convidar outras pessoas para se juntarem a mim e atirarem tijolos à parede. [risos]. Pimba, pimba, pimba.

Continua a gostar de morar lá?

Eu não reconheço o prédio. É de um gosto que não é meu. Não tenho palavra a dar. Entro num prédio que não reconheço para chegar ao meu apartamento, que continua a ser o mesmo. É uma coisa um bocadinho esquizofrénica. Muitos vizinhos saíram, outros como eu continuam a viver lá. Somos amigos, convivemos, mas nada é como era. Há um lado comunitário que entretanto se perdeu. Antes, o hotel tinha espaços coletivos, espaços de encontro. Hoje, nada ali promove esse lado mais gregário, está tudo feito para que quem lá mora não exista ou não seja visível.

Quase fantasmas?

Sim.

Chegou a Nova Iorque no início dos anos 1980, uma década muito efervescente, com manifestações antiguerra, reivindicações de justiça racial, movimentos de contracultura e de ativismo LGBTQ+,

continua

Entro num prédio que não reconheço para chegar ao meu apartamento, que continua a ser o mesmo.



continuação

como aponta Susana Lourenço Marques no prefácio do novo volume da Série Ph. Foi também um tempo de utopias?

Era um ambiente muito diferente e bastante efervescente, de facto, mas a América e as utopias são coisas um bocadinho abstratas. As utopias são muito bonitas no papel, mas a realidade revela-se diferente. A América foi sempre símbolo de comércio. Nova Iorque é compra e troca. É um ambiente duro. Mas, quando lá cheguei, existia realmente uma grande vitalidade. Foi na altura dos protestos contra a guerra Irão-Iraque, por exemplo. E, nesse período, apareceram novas formas de arte, na música e na pintura. Havia muito talento, um ambiente de festa contínua, de grande euforia, e também de muita droga. Como contraponto a todo este entusiasmo, começaram a morrer muitas pessoas, e não se sabia porque é que estavam a morrer. Foi o início do VIH. Foi mesmo um terror...

O que a levou aos Estados Unidos?

Fui estudar inglês. Fiz cá o curso de tradutora-intérprete e depois fui para Nova Iorque, em janeiro de 1980, e por lá fiquei. O interesse profissional pela fotografia surgiu mais tarde. Aprendi a fotografar por mim própria e só depois é que decidi estudar. Fiz muitos disparates, claro, o que vale é que andava com duas máquinas. Eu costumava ir a muitos concertos e certa noite fui ver o Tom Waits. Estava perto dele, tinha a máquina comigo e fotografei-o. Quando depois vi as imagens, apercebi-me de que tinha cometido alguns erros básicos. Calculei mal a luz e a cara do Tom Waits aparecia toda queimada... Mas pelo menos tinha uma fotografia! A dada altura, estava numa livraria e ouvi alguém dizer que não havia fotografias do concerto, pois não tinham permitido a entrada a fotógrafos. Eu ouvi aquilo e logo disse: mas eu tenho! A fotografia foi publicada então num pequeno jornal de música, eu fiquei toda contente, e até passei a trabalhar com um jornalista dessa publicação. Fotografava concertos todos os dias, às vezes dois e três por noite, a seguir revelava os filmes – na cozinha! Pendurava tudo e depois fazia ampliações num pequeno espaço que entretanto aluguei. Tinha de entregar tudo ao meio-dia.

Dormia?

Dormia...

Nessa altura já vivia no Chelsea Hotel?

Já. Foi fruto de coincidências. Eu fui para aquele hotel porque era o sítio onde poderia ficar um tempinho até encontrar



Fotografava concertos todos os dias, às vezes dois e três por noite, a seguir revelava os filmes na cozinha! Tinha de entregar tudo ao meio-dia.

um apartamento, e depois acabei por lá ficar com o meu “ex”. Não sei mais. Mas nunca me impressionei com o ambiente que havia ao meu redor. Eu não tenho essa coisa de ficar fascinada..., o que tenho são vivências. Em geral, quando ficamos muito fascinados com aquilo que nos rodeia, criamos um muro e não vivemos realmente as coisas. O que eu fiz? Foi viver. Foi fazer, foi estar ocupada.

Não ficou fascinada nem com o facto de viver no Apartamento 1008, onde, na década de 60, Arthur C. Clarke escreveu o argumento para o filme “2001: Odisseia no espaço”, de Stanley Kubrick?

Isso foi também uma coincidência. A minha vida é feita de coincidências, não de coisas premeditadas. Podemos é estar abertos aos acontecimentos. Quando mantemos uma certa abertura na vida, as coisas acontecem.

Foi assim que também começou a fotografar os seus vizinhos – que aparecem retratados no livro “Quinze Anos: Chelsea Hotel”?

Conheci um, conheci outro, e comecei a fotografar. Fotografava um, fotografava outro. Foi acontecendo. Não era todos os dias, era um aqui, outro ali, e sobretudo fotografava pessoas de quem gostava. É o que se faz com projetos próprios, eu faço o que eu quero, não o que me mandam fazer, e isso é um grande luxo... O projeto foi crescendo e crescendo. Foi assim durante 15 anos e depois quis fazer o livro, em parte, para terminar o projeto, para fechar a coisa, estava quase farta de fotografar vizinhos [risos].

Fotografou muita gente, de Paul Auster a Iggy Pop...

Aprecio o talento e gosto de conviver com pessoas com talento, gosto de aprender, só isso. O resto, não me fascina particularmente. Em certas ocasiões, até nos desiludimos. Por vezes, é melhor não conhecer as pessoas que admiramos. Como fotografei muita gente, tive contacto com pessoas de quem gostei, e de quem gosto imenso, como o Iggy Pop, que é uma joia de pessoa, ele é fabuloso, super-humano. Em contrapartida, conheci pessoas das quais até passei a não gostar do que faziam. Se calhar, encontrei-as na altura errada. As pessoas são o que são. É o que é. Eu até tenho uma fotografia do Trump, e do pai do Trump também. Foi nos anos 80, durante a abertura de uma pista de gelo no Central Park, algo que eles apoiaram. Eu fui lá, não sei porquê.

Depois de fotografar os outros, apontou a câmara para si, e apostou na





performance e na autorrepresentação, um exercício que está presente em diversas séries e em muitos livros de artista que entretanto foi publicando.

Sim, são livros que faço à mão, com fotografias, e não reproduções. Alguns têm o formato de concertina. Dá-me um gozo enorme fazer isto. Já tenho 80 títulos diferentes – é mesmo uma loucura de livros.

Têm sempre muita cor. O que a fascina na cor?

A vida. Nós não vemos a preto e branco, vemos a cores. E eu vejo muita cor. A cor é alegria, é vida, é primavera, flores. Eu não vejo muito a preto e branco.

Nem nunca viveu a preto e branco.

E também não vivo a preto e branco. Nunca vivi. Não, não.

Foi-se identificando com cores diferentes ao longo do tempo?

As minhas favoritas são o encarnado, que está em todo o lado, e o azul-turquesa. Essas são para mim as cores mais fortes.

Conta, aliás, que o seu quarto passou por vários períodos. “O prateado, em que até o telefone era prateado, depois passou à fase vermelha, em que tinha pedaços de parede pintados de vermelho e várias peças da mesma cor, o azul-caraíba”...

Fui somando cores no meu apartamento, porque a cor traz a tal alegria. Um apartamento completamente branco é algo muito neutro. Há quem prefira cores nos objetos e quadros, eu prefiro ter menos objetos... Bom, na verdade, acabamos todos por ter muitas coisas, que resultam naquela cangalhada toda que a pessoa tem em casa.

E quanto mais se vive mais vida se vai acumulando.

E eu até deito muitas coisas fora. E este livro da Série Ph. também me permitiu fazer esse processo de eliminação. Foi preciso escolher muito. Aliás, um livro é sempre uma escolha, e essa escolha implica eliminar muitas outras possibilidades. Foi um exercício muito bom, até para me centrar e focar. Para limpar.

Como se estivesse a limpar a sua vida também?

Todos nós acumulamos lixo físico e lixo emocional; acumulamos lixo de toda a sorte. E há que limpar. Nova vida. É um bocadinho isso. É também uma descoberta. As escolhas remetem para ideias e narrativas.

Que narrativa nos conta este livro?

As primeiras fotografias que aparecem no livro são retratos que fiz no hotel e que remetem para uma ideia específica, para a

pessoa fotografada. Na imagem, podemos ler a pessoa que vive naquele contexto e naquela casa. Será fácil ler essa narrativa, que é mais ou menos óbvia, não há ali muito mais. Depois passei a fazer fotografias mais ambíguas e abertas, com muitas leituras possíveis, porque cada pessoa tem a sua leitura, e é mesmo isso que quero; não quero ditar aquilo que as pessoas vão ver.

Não tem a preocupação de passar uma mensagem?

Não. Isso seria uma atitude um bocadinho moralista. Passar uma mensagem? Não. Posso partilhar um bocadinho da minha vida, e isso em si já é qualquer coisa. E, para todos os efeitos, tenho tido uma vida

Como contraponto a todo este entusiasmo, começaram a morrer muitas pessoas, e não se sabia porque é que estavam a morrer. Foi o início do VIH. Foi mesmo um terror...



continuação

fantástica. Também não foi fácil, aconteceu muita coisa, mas vamos todos aprendendo a sobreviver e a dar o salto por cima.

Presenciou vários momentos marcantes em Nova Iorque, como o 11 de Setembro. Fez até a exposição “Um ano depois”, no Centro Português de Fotografia.

Eu ia para uma reunião perto das Torres Gémeas, estava numa rua junto ao rio, de repente começo a ver as pessoas a fugir, observo aquele fumo, só depois percebi o que estava a acontecer. Foi algo que mudou muito o dia a dia, mudou sobretudo a confiança dos americanos. A América nunca tinha sido atacada, havia uma ideia de proteção, e depois acontece uma coisa destas. A vida não ficou igual depois do 11 de Setembro.

Como está agora o clima político?

Estamos a viver momentos politicamente complicados. O próprio sistema político está a precisar de sangue novo. Aliás, este é um problema geral, do mundo, e cada país tem as suas reações. Na América há uma violência brutal, e esse é o seu grande problema, é um país de pistola e armas. Nunca se sabe quem é que vai pegar na pistola e disparar. Existe essa tensão. No ano passado, o estado de Nova Iorque restringiu o uso de armas de fogo em espaços públicos, nas chamadas zonas neutras, mas a decisão tem dado polémica. Há violência, há descontentamento. Trump não inventou nada, limitou-se a pôr gasolina nessa fogueira. Mas acho mesmo que o descontentamento é global. Há algo no ar, parece o início de qualquer coisa, esse é o meu grande medo. Continuamos a viver num ambiente de guerra fria, este muro é meu, aquele é teu, com o mundo um bocadinho dividido em dois, e a ideia que dá é que afinal nada foi resolvido.

Tem também um conjunto de trabalhos sobre a pandemia. Como viveu esse período?

Na verdade, eu não tive grandes problemas durante essa fase, não fiquei doente, e ia todos os sábados jantar a casa de uma amiga, éramos sempre os mesmos, e toda a gente se vestia como se fosse sair à noite. A coisa não correu mal. Diretamente não me aconteceu nada com que não fosse capaz de lidar. Nessa altura, telefonou-me também o José Moura (diretor da Biblioteca da Nova School of Science and Technology), com quem eu já tinha feito uma exposição. Convidou-me para fazer alguns vídeos sobre a pandemia em Nova Iorque para o site da universidade. Acabei assim por estar ocupa-



A minha vida é feita de coincidências. Quando mantemos uma certa abertura na vida, as coisas acontecem.

da a fazer uma espécie de reportagem sobre a vivência da pandemia na cidade. E também continuei a dar aulas.

É professora na New York University (NYU).

Sim, dou aulas de fotografia analógica. Preto e branco! Contratarem-me para fazer isso e eu faço [risos]. Pode parecer uma coisa absurda, afinal já não se fotografa assim, fotografar assim é caro e é excêntrico, mas eu também gosto desse lado. Não tanto o facto de ser a preto e branco, que eu gosto muito da cor, mas por estar a fazer qualquer coisa que quase não existe e que quase ninguém faz. Gosto dessa alquimia, gosto dessa descoberta de qualquer coisa que se materializa: a luz vai para dentro da câmara que é um buraco, e depois o papel vai para dentro do químico, e dali sai uma imagem. Continuo a achar que é um proces-

so fabuloso. Mágico. E é isso que também atrai os alunos.

Vai continuar a viver nos Estados Unidos ou pensa regressar?

Venho regularmente a Portugal, por isso não tenho urgência de voltar. Vamos andando, vamos andando, vamos cantando e rindo.

O panorama da fotografia não é fácil em Portugal.

Não é fácil em lado algum. A fotografia acabou, porque hoje tudo é fotografia. Tudo o que está no Instagram é fotografia. Além disso, a fotografia deixou de estar nos jornais e está agora nas paredes. Ou seja, os fotógrafos passaram a fazer exposições. Só que não vendem. Ou vendem pouco. Para subsistirem, muitos optam também por dar aulas. A dada altura, decidi igualmente pôr grande parte do meu arquivo na Getty Images, pelo menos assim acabo por receber mais do que se tivesse o material em casa, a dormir ou em risco de se estragar numa potencial inundação. É preferível ter tudo a circular. Entretanto, continuo a fotografar e a fazer as minhas coisas – são as minhas respostas.

E continua a fazer autorretratos. Há um muito famoso, feito a pedido da revista Zoom, no qual aparece também o gato Manuel...

O gato era mau como as cobras. Era terrível, atacava toda a gente, mas eu fazia de mãe babada e não queria acreditar quando me contavam que tinha arranhado alguém. “Não pode ser.” Era ruim, ruim. Comigo era um amor. Há até uma história engraçada: eu costumava trazer o gato para Lisboa e, para voltar aos Estados Unidos, o bicho tinha de ter vacinas e tudo em ordem. Um dia, fui ao veterinário, que me disse: “O gato está com uma infeção no dente, tem de fazer uma desvitalização.” Pediu análises ao sangue, por um preço exorbitante, era só faturar, mas decidi avançar. De repente, ouvi um barulho: o Manuel tinha atacado o veterinário à séria... O homem apareceu-me com a caixa e com o gato, a dizer: a senhora saia-me já daqui. Cheguei a casa, fui dar beijos ao bicho, “então, meu querido, foste atacar o veterinário...”. Apareceu depois um vizinho, a quem contei o episódio: “imagina, tem de fazer uma desvitalização, mas atacou o veterinário, o que é que eu faço?” Ele olha para mim e diz: “It’s a cat... Não se desvitaliza o dente de um gato!” E eu “oh, pois”. Bom, sei que me saí de boa, e só me saí porque o bicho atacou o veterinário. O gato viveu uns 14, 15 anos, durou e durou – era mesmo rijo. **W**



“De certo modo indiferente à mítica reputação que o distinguia, foi num dos apartamentos do Chelsea Hotel que Rita Barros escolheu viver, desde 1984, numa decisão que marcou incontornavelmente a sua prática artística. No fim da década, começou a fazer fotografias nos concertos de jazz e rock que frequentava – de Tom Waits a Marianne Faithfull ou Led Zeppelin, entre muitos outros – e a usar o seu apartamento como estúdio e cenário de retratos de artistas e músicos, que publica em revistas independentes como a East Coast Rocker, a Downtown, a Details ou a Entertainment Weekly. São desse período os retratos que fez de Paul Auster, John Lurie ou Iggy Pop. Este último habitado ao hotel, onde também viveu, para quem improvisou a reprodução de ‘O Espelho Falso’, de René Magritte, como plano de fundo.”

É assim que Susana Lourenço Marques apresenta a fotógrafa Rita Barros no novo volume da Série Ph, coleção de monografias dedicada à fotografia portuguesa contemporânea com a chancela da Imprensa Nacional e direção editorial de Cláudio Garrudo. “Ph.12 Rita Barros” foi lançado em novembro e segue-se a nomes como Jorge Molder, Paulo Nozolino, Helena Almeida e Fernando Lemos.

No novo livro, estão por exemplo os trabalhos “Labor Day” e “Another Happy Day”, da série “Displacement 2” (2012) de Rita Barros, que ali retrata de forma irreverente os dias da pressão imobiliária. Um dia, chegaram ao telhado do Chelsea Hotel e começaram a arrancar as árvores. E ela pôs-se a atirar tijolos contra a parede e depois convidou os amigos a fazer o mesmo.

“Ph.12 Rita Barros” mostra-nos também imagens das séries icónicas como “Presence of Absence” (2005-2006), “The last cigarette” (2004) ou “Room 1008” (2000-2003) – “uma das primeiras séries que confirma este deslocamento de um olhar documental para a afirmação plástica e autoral da sua prática fotográfica”, escreve Susana Lourenço Marques.

As diferentes vidas do mítico Chelsea Hotel

Foi casa e sala de estar de músicos e artistas como Bob Dylan, Mark Twain, Andy Warhol, Janis Joplin e Leonard Cohen – que viria a compor o tema “Chelsea Hotel No. 2” após a morte da icônica cantora norte-americana. Construído entre 1883 e 1885, o grande edifício de tijolos vermelhos é um marco histórico de Nova Iorque e do mundo inteiro. Hoje, a história e as histórias são outras.

Situado em 222 West 23rd Street, entre a Sétima e a Oitava Avenida, em Manhattan, o Chelsea Hotel foi inaugurado como edifício de apartamentos “premium” e era então um dos prédios mais altos de Nova Iorque. Foi mesmo projetado para ser um dos primeiros arranha-céus. Em estilo neogótico, desenhado pelo ateliê Hubert, Pirsson & Company, foi tendo diferentes donos e, nos primeiros anos do século XX, funcionava sobretudo como hotel residencial, atraindo então uma efervescente comunidade artística.

Por lá passaram nomes como Jim Morrison, Arthur Miller, Patti Smith, Dylan Thomas e William S. Burroughs, entre tantos outros. Eram cada vez mais os residentes e convidados famosos do Chelsea Hotel, que conquistava assim o estatuto de lugar mítico e imortal. Foi espaço de criação, de muitas festas, de álcool e drogas. Foi lugar de vida e de morte, como são todos os lugares, mas ali com mais excentricidade.

Foi lá que morreu o poeta Dylan Thomas. Sid Vicious, baixista da banda Sex Pistols, foi encontrado morto no seu quarto em 1979. Um ano antes, tinha sido acusado de assassinar a namorada, Nancy Spungen – o incidente ocorreu no quarto 100 do Chelsea Hotel. O músico britânico estava em liberdade condicional e morreu de overdose.

Mas também foi no Chelsea Hotel que Arthur Miller escreveu algumas das suas peças; foi lá que Dylan compôs parte das suas músicas e que William S. Burroughs produziu algumas das suas obras. Foi também naquele hotel que, nos anos 60, Arthur C. Clarke escreveu o argumento para o filme “2001: Odisseia no Espaço”, de Stanley Kubrick. O autor britânico morava então no “Room 1008”, onde hoje vive Rita Barros.

A fotógrafa portuguesa mora no Chelsea Hotel desde 1984 e, ao longo de vários anos, foi retratando os vizinhos. Esses retratos estão reunidos no livro “Chelsea Hotel. Quinze Anos”, publicado em 1999. No prefácio, Rita Barros partilha o ambiente do dia a dia: “Manhã de ressaca. O elevador não funciona. Desço as escadas do 10.º andar para ir buscar o correio. Por acaso encontro Herbert Huncke. Está contente com a exposição no Whitney sobre os Beats. Viva (superstar) grita com Stanley. Esqueço o correio e vou beber um café com Steve, um dos empregados do hotel. De volta, dou com Bon Jovi à minha frente. Que homem tão bonito...”

Rita é também testemunha das voltas e reviravoltas do Chelsea Hotel, que é hoje sobretudo um hotel de muitos dólares, onde vivem alguns arrendatários, após várias lutas, também em tribunal. O espaço icónico foi gerido durante 50 anos por Stanley Bard, que era uma espécie de “Robin Wood” dos hóspedes artistas. Em 2007, foi afastado da gestão do hotel, que passou depois por diferentes administrações e proprietários. Em 2011, foi vendido a um grupo de investidores liderado por Joseph Chetrit. O espaço continuou a mudar de mãos e reabriu em 2022 como hotel de luxo.



Labor Day; Displacement2, 2012/Ritabarros



Labor Day; Displacement2, 2012 / Ritabarros



Another Happy Day, Displacement2, 2012 / Ritabarros



Another Happy Day, Displacement2, 2012 / Ritabarros